REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 776

20 DE JULHO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

O tempo é todo incertezas. Assim vae correndo. Os barometros de todo o genero andam com os ponteiros doidos. Noite linda e fresca, trovoada de manhã e calor insuportavel. Da China e do Transvaal chegam-nos as mais contradictorias noticias; não tanto, todavia, que não sejam tragicas as conclusões. Mas ao certo o que haverá? *Ao certo* ninguem sabe responder.

Acabariam talvez os morticinios em Pekim pelo simples facto de haverem sido trucidados, depois de valentissima defeza, todos os europeus.

N'outros pontos da China continuam as atrocidades dos boxers. Os estrangeiros defendem se com energia; mas hão de fatalmente succumbir perante o numero dos adversarios crueis e intransigentes.

Telegrammas contam pormenores horrorosos. Muitos europeus mataram mulheres e filhos para que não cahissem nas mãos dos boxers. Quando da retirada de Seymour, o almirante perguntou, chorando, aos feridos que tencionavam fazer, e estes responderam que preferiam matar-se uns aos outros a soffrer os tormentos, que lhes estavam destinados, cahindo em mãos de barbaros.

Em Tien-Tsin continua a haver combates todos os dias. Estão lá dez mil homens de tropas internacionaes. Foram japonezes e americanos que tomaram o arsenal, apesar da valente defeza dos chinezes. Morreram uns cem soldados, dois coroneis americanos e um russo.

O ministro chinez em Washinton diz que o general Tung-Fu-Sian violou as ordens do governo dirigindo o assalto contra as legações. Isto provaria, pelo menos, a impotencia do governo chinez perante a actual revolução, justificando assim a intervenção das potencias, que talvez não devam addiar a declaração de guerra.

De todos os pontos da China chegam noticias da propagação da revolta.

O principe Tuan, cujo nome tão sangrenta celebridade criou ultimamente, foi, diz-se, quem deu ordens para a exterminação dos estrangeiros. Quer recobrar os territorios que estes possuem, assassi-

AS FESTAS NA ARRABIDA E SETUBAL — MOSTEIRO E SERRA DA ARRABIDA

nando todos os missionarios christãos e indigenas.
Os padres budhistas vão tomando parte activa na revolta, prégando a favor da suppressão de todas as missões.
Mas a falta de noticias, as contradicções entre os editos que se dizem elaborados por Tuan, tornam difficilima a luz em casos tão emmaranhados.
Emquanto da China chegam á Europa noticias que sobresaltam os animos, não chegam do Transvaal a Inglaterra novas que permittam a continuação das alegrias com que os inglezes festejaram algumas victorias, de menores consequencias do que a principio julgavam.
Os ultimos revezes das armas britannicas foram terriveis e talvez ainda de maior importancia do que a annunciada pelo proprio Roberts. O desastre no desfiladeiro de Nitrals foi enorme. A guerra durará ainda por muitos mezes. Os boers, que se vão concentrando na serra de Magaliesburg, a vinte milhas ao norte de Pretoria, teem meios para manter-se por muito tempo. Lavra, segundo se diz, profundo descontentamento entre as tropas inglezas. Lord Roberts está doente, ha tres semanas, e parece com desejos de separar-se de Kitchner o que não fez por emquanto por ser protegido de Salisbury o chefe do seu estado maior.
D'onde se conclue que tanto material como moralmente os boers se acham n'este momento em condições muito superiores ás dos seus inimigos poderosos, mas não omnipotentes, como os cantavam epopéas temporãs.
A tão más noticias da guerra, bom é que não tenhamos de accrescentar as da fome e da peste.
Effectivamente sobre estes dois detestaveis assumptos não ha nenias a escrever nem lamentações a cantar.
O anno foi fartissimo e os lavradores andam radiantes. Emquanto ao vinho ha apenas o perigo da crise da abundancia. Antes essa.
De peste já não se fala. E só por curiosidade, estes versos d'um poeta satyrico hespanhol:

Telegrafían de Oporto
que, por fortuna, no es cierta
la noticia que hace dias
circulaba por la prensa,
de haberse reproducido,
con espantable violencia,
la peste que en aquel punto
dejó, memoria funesta.

El microbio de la peste,
Segun personas de ciencia
está debil y caduco,
no tiene ninguna fuerza
expansiva, y si este año
algún caso se presenta,
será caso tan benigno
que dará gusto y no pena,
pues morirán los microbios
antes que el paciente muera.

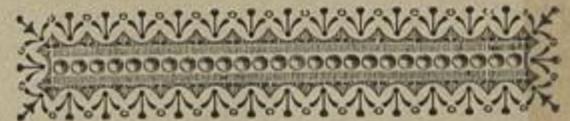
As novas que nos teem chegado do Rio de Janeiro, dão ali a peste por muito benigna tambem.
Alguns jornaes de Lisboa deram a noticia de haver sahido da capital federal para Pernambuco, depois de só quatro recitas da *Ave Azul*, a companhia de Affonso Taveira, por motivo da pequena concorrencia que havia em theatros. A noticia não é exacta. Embora muita gente, e da mais rica, haja sahido do Rio de Janeiro para Petropolis e outros pontos mais salubres, a população da capital não tem abandonado os theatros, que continuam tendo, se não sempre extraordinaria, pelo menos regular concorrencia.
No estado de adeantamento em que se encontra a sciencia o terror das grandes epidemias vai diminuindo muito. Os casos mortaes são em menor numero do que antigamente e são conhecidos os meios proficuos de opposição á propaganda do mal.
A medicina andou passos gigantescos n'este ultimo meio seculo e só, por um ramerrão estupido, continua Bocage, depois de passados cem annos, a ter imitadores de seus magnificos epigrammas.
Não precisâmos sahir de Lisboa para contarmos os medicos entre os nossos mais distinctos homens de sciencia, até mesmo depois de se haverem apagado esses dois astros de primeira grandeza, que se chamaram Sousa Martins e Manuel Bento de Sousa. Ambos deixaram tradição e discipulos, que honram os mestres.
Vem aqui a pêlo uma noticia, que na chronica do Occidente por mais d'um motivo tem cabimento. Fez seu ultimo exame de quarto anno na Escola medica de Lisboa, sendo approvado com louvor, o alumno Augusto Gervasio Lobato do Carmo, o Augusto do Lobato, como todos lhe chamavam.
Esse pequenino, a quem Gervasio Lobato serviu de pae, depois da morte de sua irmã e de seu cunhado, o conhecido livreiro Carmo, da Rua do Oiro, deve ser conhecido dos leitores do Occidente. O Gervasio quanta vez se entretinha fazendo as suas bellas chronicas com o que mais o interessava, a sua familia, a sua gente, suas alegrias e cuidados! O Augusto alguma vez deveria ter figurado n'essas linhas. Poude o nosso caro amigo vigiar-lhe os estudos e amparal-o até que terminou o curso dos lycêos. A morte, que tão inesperadamente o levou, ha cinco annos, não lhe deixou ter o prazer e o legitimo orgulho de ver assim coroados de tanta luz seus esforços e sacrificios.
Augusto Lobato cumpriu religiosamente um dever que se lhe havia imposto. Fêl-o com uma alma distincta que dos seus herdou e com uma luminosa intelligencia que Deus lhe concedeu.
É nos duplamente grato escrever hoje estas linhas: pelo amigo, que se foi, mas cujo excellente coração ainda hoje produz fructos no mundo, e pelo amigo que nos ficou e a quem auguramos o futuro prospero e brilhantissimo que merece. O Gervasio deve estar contente. O Augusto portou-se como um homem.
É com a maior satisfação que damos os parabens a toda a sua familia.
Felizmente os exames estão a acabar e a maior parte dos rapazes já gosam das ferias.
Grande curiosidade pelo resultado final dos exames do quinto anno no lycêo, d'onde muitos querem tirar conclusões a favor ou contra a reforma da instrucção secundaria.
Alguns alumnos internos já deram provas brilhantissimas.
Ferias! O que este nome já nos cantou, o que ainda agora nos canta a todos que somos paes, a quem os trabalhos nos collegios ou nas universidades separa dos filhos! Não ha nome assim tão bello nem mais sonoro! Ferias!
E não são apenas os estudantes e os paes que tão contentes se mostram. Ferias são para muitos. É ver como esses comboios d'aqui a pouco principiam a despovoar Lisboa. Negociantes rheumaticos que vão dar á perna em valsas nas Caldas, empregados publicos tisicos que vão cantar ao piano em Vizella, capitalistas neurasthenicos que vão namorar meninas na Povoa de Varzim...
E tudo isto sem roleta, sem banca franceza, sem monte, sem baccarat... Um céo aberto!

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Paris continua cheio de estrangeiros. Em cinco minutos, que se passem onde quer que seja, ouvem-se estalar vogaes e rolar consoantes com mais variedade, certamente, do que na Torre de Babel.
Todas as secções estão definitivamente abertas. A curiosidade póde completamente satisfazer-se. Não ha um tapume por deitar abaixo, não ha uma só porta por abrir.
Calcula-se que o numero medio de visitantes á Exposição é de cerca de duzentos mil por dia! E a affluencia promette crescer!... O que será depois? Imagine-se a população de Lisboa toda inteira reunida n'um só ponto. Verdade seja que este está muito longe de ser mathematico e tem ate extensas leguas de circuito.
Para nos distrahir a attenção d'essa maravilha das maravilhas, que faria empallidecer as outras sete famosas do mundo, tivemos antes d'hontem a celebre revista de Longchamps.
Eu tenho um defeito: sou um homem de habitos. Já me tinha costumado a ver a Exposição todos os dias; tinha traçado um certo programma, com que me ia dando perfeitamente; a revista estafou-me.
Falava-se muito em tumultos; socialistas e nacionalistas escolheriam talvez esse momento para reavivar antigos odios. Felizmente tudo se passou na melhor das harmonias. Desordens algumas houve, mas de tão pequenina importancia, que não creio que o telegrapho as communicasse. O Presidente foi muito acclamado á sua chegada a Longchamps, repetindo-se os mesmos vivas, quando retirou para o Elyseu. Estrangeiro, mas conquistado pelas exhuberantes provas de vida que vejo dar a este grande paiz, pelo qual não posso deixar de sentir a mais enthusiastica sympathia, entrei, embora discretamente, na manifestação.
O espectaculo d'uma revista é grandioso; mas, mais ou menos, podemos d'elle formar idéa: basta para isso um pouco de phantasia. Quando recolhemos ao hotel, pelas seis horas da tarde, iamos arrasados.
A Exposição com toda a diversidade de suas exhibições por tal fórma nos distrahe todos os sentidos e nos fala a todas as faculdades, que o cançasso só damos por elle, no dia seguinte, ao acordarmos, quando as pernas, que se divertiram pouco, nos supplicam na cama mais uns momentos de repouso.
Mezes, annos, que um homem aqui se demorasse, não lhe chegaria o tempo para tudo vêr, para tudo apreciar devidamente. O deslumbramento começa logo n'essa maravilhosa ponte Alexandre III, cujos trabalhos foram inaugurados, quando da estada do Imperador da Russia em Paris.
A ponte atravessada, póde cada qual escolher o assumpto que mais deseje estudar, ou que mais o interesse.
Diga-se a verdade: a maior parte da gente não vem aqui para instruir-se; vem simplesmente ver e divertir-se o melhor que puder, consoante com o dinheiro que traz na bolsa e o tempo de que dispõe para isso.
Por mim confessarei que, depois do que é nosso e que portanto, como a bom portuguez, me havia de forçosamente chamar minha especial attenção, o que mais me tem seduzido é o *Palais du Costume* e a Aldeia Suissa.
Sei que ha por aqui coisas muito mais dignas de interesse: a sciencia revela-se n'um estado de perfeição, que é realmente maravilhoso. A optica e a electricidade obram milagres ao pé dos quaes são fantasias burguezas as *Mil e uma noites*. Tudo isto é verdade; mas o *Palais du Costume* pelo seu valor historico e interessante, a Aldeia Suissa pelo prodigio realisado de pôr em pleno Paris um cantinho das mais celebradas montanhas do mundo, teem para mim, e para muitos companheiros meus, um encanto indiscriptivel.
Ali passámos as horas mais agradaveis.
Confirmou-se a noticia das medalhas d'oiro a Columbano e Salgado, o que foi para nós motivo de grande alegria. Os quadros que elles aqui expuzeram são, na sua maior parte, conhecidos de todos os que visitaram as nossas passadas exposições na Academia de S. Francisco ou costumam frequentar os *ateliers* dos distinctos artistas. Pódem portanto avaliar como foi bem cabida a recompensa.
El-rei, o sr. D. Carlos, Carlos Reis e Malhôa foram premiados com medalhas de prata. Obtiveram outras distincções muitos artistas portuguezes.
A alegria é grande entre nós todos, que longe de nossa terra mais por ella nos interessamos, vendo-nos assim tão distinctamente representados n'uma arte, que as más linguas lá de casa dizem não ter cultores dignos em Portugal. São estrangeiros os que nos fazem justiça.
Os pretos de S. Thomé já tocaram no coreto proximo do nosso pavilhão das colonias. Muito applaudidos, é claro. Não pude ainda ouvil-os, mas, parece, que produziram sensação. Resta saber se não vão todos suppol-os... das Antilhas. Os parisienses sabem pouca geographia e não admira. Pois o mundo inteiro não será Paris?

Paris, 15 de Julho de 1900.

M. C.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS FESTAS NA ARRABIDA E SETUBAL

Promovidos pelo antigo cirio de Nossa Senhora da Arrabida, instituido em 20 de maio de 1839, realisaram-se este anno com desusada pompa em Setubal e Arrabida os costumados festejos, cada vez mais concorridos, e que duraram desde o dia 29 do mez findo até 9 do corrente.
As festas attrahiram á cidade sadina alguns milhares de pessoas de diversos pontos do paiz, que não puderam deixar de concordar em que, perto de Lisboa, se não realisam festas mais esplenderosas nem com maior bom gosto.
Começaram os festejos por um encantador passeio maritimo de Lisboa a Setubal, dedicado aos setubalenses pela commissão organisadora, partindo o vapor *D. Amelia* da estação do Terreiro do Paço no dia 30 de junho ás 5 horas da manhã, e permittindo aos excursionistas o admirarem as bellezas das costas e portos de Lisboa e Setubal, cuja entrada é lindissima. Este vapor fôra fretado para realisar amiudadas viagens entre Setubal e o

Portinho da Arrabida, durante os tres dias dos festejos na formosa serra. Assim, no dia 30 ás 10 horas da manhã teve logar a procissão do cirio com a imagem da Virgem da Arrabida, sendo o embarque á tardinha para o Portinho, d'onde seguiu para a capella na serra; havendo á noite no mosteiro vistosa illuminação e bailes populares. Em Setubal distribuiu-se n'este dia um bodo a 200 pobres, continuando a distribuição a ser feita particularmente. No theatro D. Amelia a companhia de D. Maria representou na mesma noite o *Mercadet*.

Em domingo 1 de julho organisou a parceria dos Vapores Lisbonenses um passeio á Arrabida a bordo do seu vapor *Victoria*, indo muita gente de Lisboa gosar aquelle passeio. Tiveram ensejo os passeantes de admirar á sahida de Lisboa o extenso promontorio do Cabo do Espichel que avança pelo Oceano mostrando a gigantesca e magestosa carranca, a que o embate das vagas nas furnas parece ter dado olhos e bocca, que se escancara, fitando o mareante. Lá no cimo do promontorio, á frente do pharol, acena a bandeira portugueza, defrontando com a amplidão immensa do Atlantico. E' ahi que «a terra acaba e o mar começa», e a sensação da immensidade toma mais forte imperio sobre a natureza humana.

Segue-se a derrota e avista-se primeiro o alteroso castello de Cezimbra, na eminente posição que o torna tão estrategico; e depois o forte do Cavallo, junto á praia da villa, que se ergue na baixa da montanha com a sua casaria branca remirando-se nas aguas da ampla bahia.

Surge alfim a serra da Arrabida, onde a silvestre vegetação cresce livremente por entre o fraguedo das suas faldas aprumadas. Lá a meio da altura avista-se o convento e subindo pela encosta as diversas capellas trepadas como um bando de aguias. Corre a serra de nordeste a sudoeste recortada em cada vertente por infindos corregos que as chuvas engrossam, e revestida de arvoredo e mattagal agrestes que lhe dão um aspecto severo, tão proprio á contemplação e meditação que parece não ter sido outro o seu destino. O sussurro do Oceano augmenta a magestade natural do logar.

Sobre a origem do mosteiro, tão pobre quão interessante, o leitor curioso tem muitas obras a consultar para uma descripção minuciosa, mas não deixaremos aqui de reproduzir em resumo o que parece ser mais veridico. [1]

Nos principios do seculo XVI um maritimo estrangeiro, flamengo ou inglez, arremessado áquelle sitio por uma tormenta, de que se salvou invocando o auxilio da Virgem Maria, fundou alli uma capella, e distribuindo os seus haveres em obras pias foi o seu primeiro ermitão. Decorreram annos, quando um mancebo hespanhol da mais alta nobreza, D. Martinho, filho legitimo do conde de S. Martinho del Puerto, deixando o mundo, professou a regra minorista em 1530. Encontrando-se com o seu parente o duque de Aveiro D. João de Lencastre, neto de D. João II, indicou-lhe este como sitio proprio para as suas intenções asceticas a serra de Barbarica (Arrabida) visinha á sua morada favorita de Setubal.

Recebida a necessaria auctorisação veio Martinho em 1540 com um irmão leigo habitar o logar de seu desejo. Feita uma cella no flanco da serra, despojou-se de todos os commodos. Sem habito, vestido d'um burel muito estreito e cingido ao corpo por grosso esparto, a cabeça coberta com um capuz e os pés descalços seguia Martinho a sua vocação. Ao fim de sete mezes viu-se abandonado do companheiro que não pudera aguentar vida tão aspera e penosa. Assim esteve durante um anno, ao fim do qual se lhe veio juntar frei Pedro d'Alcantara, e depois, pouco, outros, desanimando comtudo uma grande parte d'elles, especialmente os mais avançados em annos.

Convento de novo genero, as cellas eram praticadas no monte e affastadas umas das outras, para que se não vissem e pudessem gemer, orar, e disciplinar-se cada um a seu talante, sem ser ouvido dos outros. Em 1542, vindo a Portugal frei João Calvo, geral da ordem, foi-os visitar, animou-os a perseverar, instituiu presidente e prelado do pequeno ajuntamento a frei Martinho de Santa Maria, juntando-se-lhe, movido de tal devoção, frei Archangelo que acompanhava o geral.

Ao cabo de poucos annos, gasto da rude aspereza da vida que seguira, falleceu em 1547 aquelle fidalgo, tão crente e sincero. O seu cadaver foi sepultado no convento de S. Francisco de Lisboa.

[1] Veja-se *Diccionario Geographico* do padre Luiz Cardoso; a *Chronica d'Arrabida* de fr. Antonio da Piedade, e o *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal.

Em 1622, o quarto duque de Aveiro, devoto extreme do celebre cenobita, mandou erigir a estatua symbolica que a estampa representa, monumento curiosissimo em marmore colorido, que tem quasi dez palmos de altura, e a qual se encontra encostada á frontaria do mosteiro entre dois arcos abatidos.

Tem a estatua n'uma das mãos uma tocha que como a fé alumia as consciencias, na outra as disciplinas com que se mortifica, os olhos fechados para as galas e vaidades do mundo, a bocca cerrada por um cadeado mostrando quanto era parco de palavras, o peito com uma fechadura para que alli não entrem pensamentos da terra; apeanha a estatua um globo de cantaria em que se lê a seguinte inscripção:

EFFIGIES FRATRIS MARTINIÁ
SANCTA MARIA, QUI IN HOC
BARBARICO MONTE, E SANTE
LOCO PRIMUM CENOBIUM
HUJOS SANTÆ RELIGIONIS
CAPUCINORUM DE ARRABI-
DA SIC FUNDAVIT,
ANNO MDXLII
ET DOMINUS ALVARUS, QUARTUS
DUX DE AVEIRO, E TERTIUS PATRONUS
HUJOS SANTAE PROVINCIÆ, UT
MEMORIA TANT VIRI, E FILIORUM
EJUS IN POSTEROS PERMANEAT, TYPUM
POSUIT ANNO DOMINI MDCXXII

Subindo a serra para o convento encontra-se um largo. Em frente depara-se-nos um penhasco com um calvario, e defronte d'elle a estatua de S. Pedro d'Alcantara; entrando por um e outro lado d'este penhasco, a vinte e cinco passos, acha-se outro altar que representa o monte Alverne e sobre elle a imagem de S. Francisco recebendo as chagas; por duas entradas que offerece este logar se desce a uma lapa onde está a imagem de Santa Maria Magdalena; defronte da lapa desce-se um degrau para um pateo, ao fundo do qual se vê a curiosa estatua de frei Martinho.

*
* *

Fundeado o vapor *Victoria* no Portinho da Arrabida logo o desembarque se realisou em barquinhos que foram acostar junto a uma ponte provisoria. Os excursionistas subiram a ingreme ladeira da serra, pressurosos, desejando ir e voltar a tempo do regresso, que era cedo. Além da festa religiosa havia na serra arraial e fogaças, repetindo-se os divertimentos da vespera. O *largo* de S. Pedro d'Alcantara e a *rua* do Relogio são illuminadas, havendo premio para a melhor das ornamentações. Em Setubal representa-se n'esta noite *O Avarento*.

No dia 2 sae o cirio da serra para o Portinho, visitando a *Lapa de Santa Margarida*, uma das maiores bellezas naturaes do nosso paiz e que se encontra na raiz da montanha, tendo duas entradas, uma pela encosta da serra, a bastante distancia do convento, e outra pelo mar, onde não é facil atracar em qualquer occasião. Ha ali um altar gradeado, onde se venera a virgem martyr Santa Margarida. No interior da lapa, á direita da entrada, ha uma extensa furna estreitando-se de modo a não se poder achar o termo. Defronte da lapa ergue-se sobranceiro ao mar o penedo do Duque, posição magestosa sobre o Oceano. A alguma distancia está uma fortaleza para proteger o local dos assaltos dos corsarios, que por vezes levaram captivos alguns dos religiosos. Sobre a porta lá se vêem as respectivas inscripções da edificação.

Regressado o cirio a Setubal, foi a imagem da Senhora da Arrabida levada em procissão para o historico templo de Jesus, bello monumento, começado no reinado de D. João II, sendo sua fundadora Justa Rodrigues Pereira, ama d'el-rei D. Manoel, por quem tanto este monarcha como D. João II e os infantes tiveram sempre bastante consideração.

Foi lançada a primeira pedra do edificio em 17 de agosto de 1490 com toda a solemnidade, e sempre os soberanos portuguezes foram protectores magnanimos do convento e das suas religiosas.

A egreja, cujo pavimento está actualmente quasi meio metro inferior ao solo do largo exterior, é de tres naves e toda de abobada. As columnas são torcidas ou salomonicas e os degraus da escadaria que conduz ao altar-mór são de bello mosaico. O tecto da capella mór é admiravel pelo entraçado das pedras que o adornam e o fundo e a tribuna são de rica talha dourada. A parte superior das paredes lateraes do templo está revestida de magnificos quadros.

Foi n'este historico templo que esteve exposta durante os festejos a imagem da Senhora da Arrabida, e no elegante largo em que está situado que se realisou o deslumbrante arraial illuminado a gaz e a tigelinhas pelos systemas de Braga e Vianna do Castello, havendo kermesse, fogo de artificio, ascenção de balões luminosos, concerto pela philarmonica Capricho Barreirense, banda da Guarda Municipal de Lisboa, e philarmonica União Operaria de Setubal.

As festas duraram até segunda feira 9 do corrente em que terminaram com uma tourada na Praça de D. Carlos e pelo grande concerto no arraial, que ostentava uma encantadora ornamentação.

Setubal esteve em festa e offereceu aos seus visitantes as mais variadas diversões, podendo envaidecer-se a commissão organisadora do exito obtido. Os continuadores do antigo cirio de Setubal á Arrabida não teem desmerecido dos seus instituidores.

A batalha de Navas de Tolosa

16 de julho de 1212

O dia do Triumpho da Santa Cruz recorda para a historia portugueza uma das suas mais formosas glorias, a affirmação da vitalidade nacional, da sua fé e do seu valor. Pretendiam os mussulmanos assenhorear-se da peninsula. Affonso VIII de Castella pede soccorro aos differentes principes das Hespanhas e a D. Affonso II de Portugal, que lhe envia os barões e homens dos seus concelhos, que tão brilhantemente figuraram na celebre victoria de Navas de Tolosa.

Diz Herculano:

«Segundo o testemunho insuspeito dos escriptores sarracenos, a perda dos seus foi incalculavel, affirmando elles que de mil combatentes apenas escaparia um, não obstante acharem-se ali reunidas todas as forças de Maghreb e do Andaluz. Desde aquella fatal jornada a decadencia do dominio mussulmano, foi, apesar de algumas vantagens parciaes, profunda e rapida, e a róta das Navas de Tolosa ou de Al' akab (conforme a designam os escriptores arabes) retumbou na Africa e na Europa como uma terrivel resposta ao cantico da victoria, entoado dezesete annos antes pelos vencedores em Alarcos.

Tropas numerosas vindas de Portugal figuraram, porém, n'aquella celebre batalha, e o modo como ellas se houveram ali, é uma particularidade que interessa a gloria nacional, e que ao mesmo tempo é indicio do progresso que tinham feito as forças internas do nosso paiz. Bate mais rapido o coração verdadeiramente portuguez quando vê, no meio da narrativa de um acontecimento em que os guerreiros christãos praticam todo o genero de gentilezas, não esquecerem escriptores contemporaneos e estranhos a nós, não as façanhas dos illustres cavalleiros de Portugal, d'essa nobreza altiva, cuja occupação unica era a guerra, mas dos villões condemnados pelo seu humilde destino á obscuridade.

Lá, entre a innumeravel multidão de homens de armas cobertos de ferro e montados em possantes cavallos, entre o confuso esvoaçar dos pendões e estandartes, ao lado dos macissos de lanças polidas, que brilhavam como um pinhal, cujo cimo orvalhado se agitasse com o vento aos primeiros raios do sol, a numerosa, mas pobre e grosseira infanteria portugueza soube distinguir-se por extremos de soffrimento e actividade no mais duro e pesado serviço do exercito, e no valor impetuoso com que se arrojava ao combate, como se o dar e o receber a morte fosse o deleite de um banquete. E de que gente se compunha esta infanteria energica e valente, que gerava assombro n'um dos individuos mais eminentes d'aquella epocha, Rodrigo de Toledo, o qual foi testemunha da sua promptidão e esforço? Dos homens d'esses concelhos começados a organisar no berço da monarchia e que Sancho I espalhára com mão profusa por todos os angulos do reino. Era o povo que surgia forte e activo; porque a vida municipal despertára n'elle o sentimento da liberdade, idea de patria; porque o chefe da monarchia os elevara a seus proprios olhos, dando os primeiros passos para essa mutua alliança de seculos contra o orgulhoso desenfreamento brutal das classes privilegiadas, convertendo-os de homens de creação ou malados, quasi servos dos senhores de terras, em subditos livres dos reis; porque finalmente, as suas cartas de garantia constitucional, chamadas foraes, eram verdadeiros contractos, onde ao lado de cada dever que se impunha aos burguezes, se lhes consignara um direito.»

As festas na Arrabida e Setubal

O CONVENTO DE JESUS EM SETUBAL

O CABO DE ESPICHEL

As festas na Arrabida e Setubal

Falou o historiador portuguez. Reproduzamos em seguida uma descripção formosissima da mesma batalha, e que nos offerece bem nitida idéa d'ella:

No Sul da Hespanha, o infiel Mohamed-ben-Iakub impava de immenso orgulho pelas victorias dos seus antecessores em Hespanha. Sabendo que Affonso VIII de Castella, já refeito da anterior derrota se atrevera a penetrar no occidente da Andaluzia, tomou tal furor, que chamou rapidamente todos os seus estados á guerra santa com um exercito de quinhentos mil soldados. Passou de Tarifa a Sevilha, dispoz alli o campo e depois de ter recebido a Sancho de Navarra e aos embaixadores de João Sem Terra moveu a sua immensa hoste para Castella, onde tivera talvez chegado se não passára imprudentemente sete mezes na tomada do castello de Salvaterra.

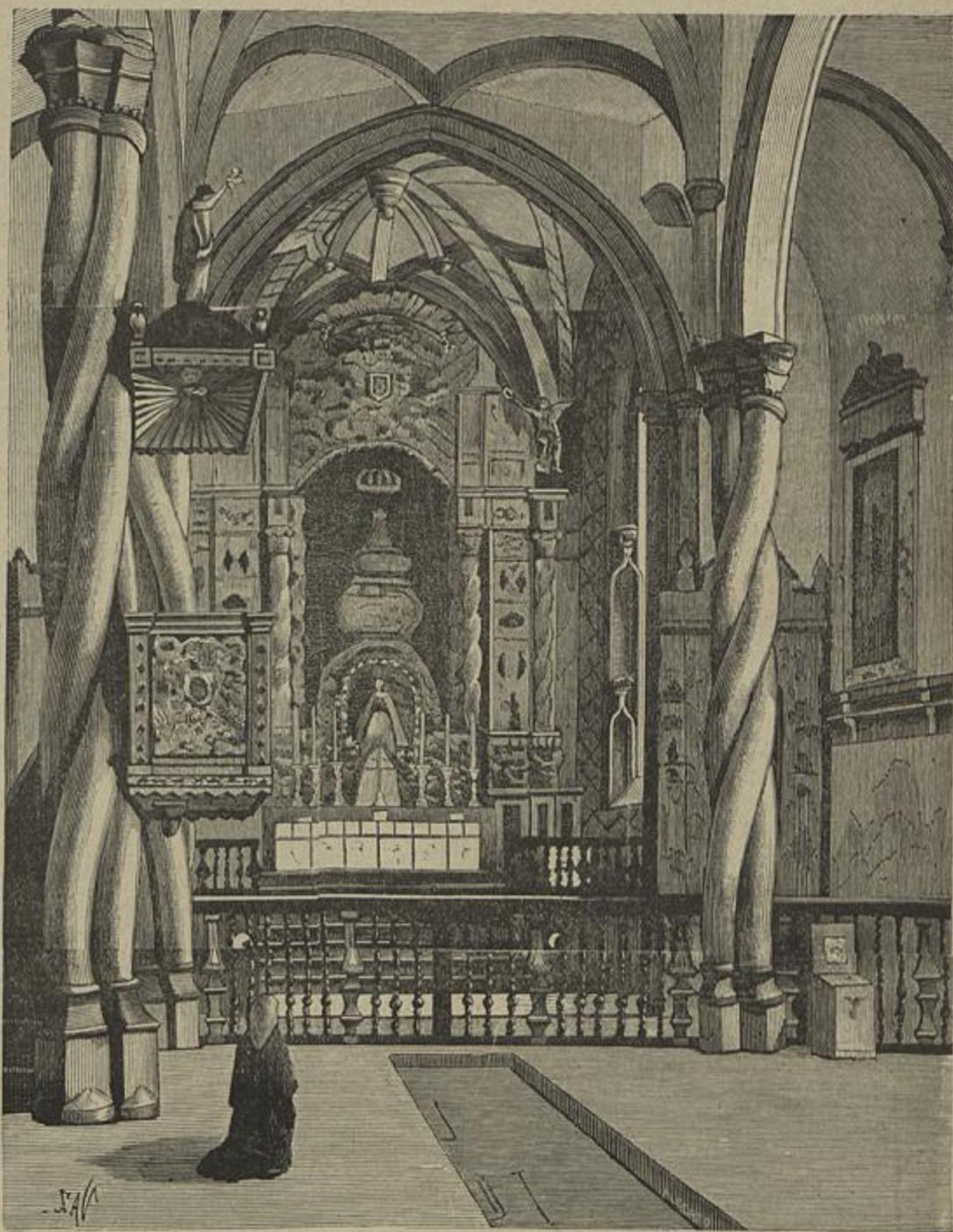
Confiado em si e vendo-se no meio de tão granpe massa de guerreiros ameaçava não invadir Castella, mas tambem toda a Hespanha. E considerando todo o campo estreito para a sua gloria e cego de enthusiasmo chegava a jurar, se não mentem os historiadores christãos, que havia de entrar um dia na cidade de Roma e alojar os seus cavallos na egreja de S. Pedro.

Esse exercito formidavel só ao mover-se poz em alarme toda a peninsula e grande parte da Europa.

Affonso apenas soube do desembarque em Tarifa e sentindo-se fraco para luctar com um inimigo tão poderoso, não tinha voz bastante para chamar ás armas os seus subditos e alliados e invocar o favor dos principes de França e Italia.

Convocou côrtes em Toledo, mandou que se preparassem para a guerra grandes e prelados, solicitou o auxilio dos reis do Aragão e da Navarra; enviou embaixadores a França; despachou para Roma o arcebispo D. Rodrigo, com o encargo de manifestar ao Pontifice o perigo em que elle e toda a christandade se achavam, se não se oppozessem diques áquella torrente dos mussulmanos. Sósinho, Affonso teria succumbido, mas afortunadamente a sua voz achou echo em toda a parte.

Em Castella, principes e prelados, villas e cidadades, fidalgos e burguezes, todos correram a agrupar-se em torno dos seus antigos estandartes. Aragão organisou um grande exercito. O Pontifice prégou a cruzada contra os infieis, e fez em Roma uma procissão, a que assistiram de pés descalços e saiotes grosseiros, elle e a sua côrte, e todos os sacerdotes que em seu coração nutriam amor a Jesus Christo. Era a guerra da religião, e o papa e todos os principes christãos conheceram a necessidade de a salvar da ruina imminente.

Foi, sem duvida, o Pontifice quem mais contribuiu para robustecer o poder de Affonso. Ao echo das suas palavras ardentes pronunciadas

CONVENTO DE JESUS, EM SETUBAL — Interior da egreja

CASTELLO DE CEZIMBRA

PRAIA DE CEZIMBRA E FORTE DO CAVALLO

n'aquella procissão solemne, e á vista das lagrimas que derramou ao orar de joelhos na egreja de Santa Cruz pela ventura da Hespanha, vieram á peninsula das mais dilatadas terras cavalleiros de grande valor e encendrada fé, que nos campos de batalha buscavam a morte dos martyres.

Em breve tempo os campos de Toledo eram um vasto acampamento, onde se viam tambem os portuguezes, entre os francos, lombardos, leonezes, aragonezes e raianos. Via-se brilhar n'aquelle acampamento os capacetes dos cavalleiros e as mitras dos prelados, com os ferros das lanças os baculos dos abbades, e e entre as cotas de malha as casulas dos monges. Extraordinario, immenso, enorme ajuntamento.

Os reis christãos tinham resolvido não acceitar batalha senão dois dias depois de chegar a Navas, e mantiveram-se firmes n'esta resolução. Na noite do dia em que devia travar-se a batalha, chamaram os arautos, deram ordem para os cavalleiros se armarem, fizeram celebrar missa, que ouviram de joelhos e vestidos de ponto em branco, e o arcebispo D. Rodrigo a todos abençoava, no mesmo instante em que começavam a empallidecer as estrellas, para nascer a aurora.

Dividiu-se o exercito em tres grandes secções. Affonso de Castella tomou a do centro. Sancho de Navarra a da ala direita; Pedro II de Aragão a da ala esquerda. Subdividiu Affonso a sua em quatro hostes e D. Pedro em tres. Iam na primeira do rei de Castella D. Diogo Lopez de Haro, seus filhos D. Lope e D. Pedro, o infante de Leão D. Sancho Fernandes, D. Martim Nuñes de Hinojosa, o alferes de Madrid D. Iñigo de Mendoza, Pedro Arias de Toledo, que servia de alferes maior, e muitos outros guerreiros e alguns cruzados extrangeiros que tinham ficado no exercito depois da tomada de Calatrava.

D. Gonzalo Nuñez de Lara governava a segunda, composta dos terços de Vélez, Alarcon, Huete e Cuenca, dos templarios, dos cavalleiros de S. João, de Calatrava e de Santiago.

Commandava a terceira Ruy Diaz de los Cameros, a quem acompanhavam seu irmão Alvar Diaz, Juan González Ucero, Gómez Pérez de Asturias, García Ordóñez e os terços de Santo Estevão de Gormaz, Almazán, Aylión, Medina-Celi e Atyenza.

A' frente da ultima ia o proprio rei Affonso, a quem acompanhavam muitos prelados, grande numero de ricos homens do reino de Castella e os terços de Valiadolid, Medina del Campo, Olmedo, Arévalo e Toledo. A mais fina flôr da nobreza alli se via, com o arcebispo D. Rodrigo, bispos de Palencia, Siguenza, O ma e de Avila, e varios nobres de alta grandeza.

As hostes do Aragão estavam egualmente bem confiadas. Commandavam-as os primeiros capitães d'aquelle reino. Garcia Romero commandava a primeira, Simon Coronel e Azuar Pardo a segunda O rei de Aragão commandava a terceira, seguida dos grandes e prelados.

O rei de Navarra trazia apenas uma hoste composta de gente do seu reino e dos terços de Soria, Segovia e Avila. N'ella tomaram logar os cruzados de Leão e Portugal. Entre os cavalleiros de grande esforço e nascimento distinguiam-se Almorand, D. Pedro Martinez de Lete, D. Pedro e D. Gomes Garcia.

Mas o exercito arabe não era menos respeitavel. Mohamed dispozera o seu exercito ao raiar do dia e era espantoso observar o seu campo ao romper da madrugada. Formavam essa multidão immensa de soldados os motawatynes, que em numero de cento e sessenta mil constituiam a vanguarda, posta de frente contra os christãos; os almohades e os arabes formavam a retaguarda. Trezentos mil adventicios, arrebanhados em todo o imperio, estavam á direita e á esquerda. Os reaes do emir estavam circumdados de gente de todas armas. Em torno de uma estacada, formada por lanções de ferro cravados no chão, estavam quarenta mil negros armados de lanças e escudos. Dentro viam-se muitos homens armados de piques e ballestas. Ao fim trezentos camellos.

Mohamed, não satisfeito ainda com escudar-se detraz das cerradas columnas do seu exercito, fizera construir para sua maior defeza aquella estacada. Ao chegar o dia do combate poz-se no meio d'ella, sob o zimborio vermelho dos califas sustentado por um elephante. Tomou o livro Santo de Otmán, que ia sobre um camello ajaezado de ouro e seda, vestiu o alburnoz preto de Abdelmumen primeiro dos almohades, cingiu o seu alfange mais rico, sentou se no escudo ao lado do seu cavallo, e, rodeado pelos cadis e alfaquis, começou a ler as paginas do propheta, que promettem a vida e a bemaventurança eterna aos que morrem por elle nos campos de batalha. Por detraz dos negros e da gente de pé, mettida dentro da estacada, tinha esquadrados os seus melhores cavalleiros.

Tal é a descripção summaria que o arcebispo D. Rodrigo nos deixou.

Renuncia a penna a descrever a collisão de tão espantosos exercitos. Basta dizer que n'ella morreram vinte e cinco mil christãos contra um numero de infieis oito vezes maior.

Libertou-se a christandade do grande perigo que a ameaçava. Ergueu-se a Cruz triumphantemente, com a memoravel batalha.

E. P.

SCIENCIA MODERNA

V

COUROS ARTIFICIAES

As innumeras operações a que é necessario submetter as pelles de muitos animaes, e em especial as dos mammiferos, afim de as tornar uteis, quer para a formação da parte grosseira do calçado, quer para a parte mais fina, quer ainda, para ter applicação na fabricação de alguns artefactos, fazem naturalmente com que este producto obtenha no mercado um preço tal, que indemnise o fabricante das despezas por elle effectuadas, em virtude das transformações, modificações ou operações praticadas com esse producto, accrescendo ainda uma pequena percentagem que constituirá o lucro auferido pelo primeiro vendedor. Como estas operações são todas mais ou menos dispendiosas, no caso da mercadoria a que nos referimos, facilmente se conclue que estes productos não podem ter no mercado um preço muito diminuto.

Para attenuar estes inconvenientes, tentou-se achar um processo de fabricação de couros artificiaes, processo que chegou a pôr-se em execução e que tem dado resultados satisfactorios.

O valor commercial de um couro é muito variavel, dependendo, em primeiro logar, da sua qualidade, em seguida, das propriedades physicas e chimicas. A primeira condição não carece de explicação. Facilmente se comprehende que o valor dos marroquins é diverso do valor das vaquetas, chagrins, couros da Russia, etc.

Dissemos que as propriedades physicas e chimicas tambem influiam no valor commercial de um couro.

Um couro é tanto melhor, quanto mais obedecer ás tres condições que passamos a innumerar:

1.º Possuir uma grande resistencia, sobretudo se o couro se destinar á parte grosseira do calçado.

2.º Ter uma grande impermeabilidade.

3.º Ser muito flexivel.

No processo que vamos citar realisam-se todas estas condições, com uma série de operações muito menores o que decerto ha de permittir um barateamento da mercadoria.

Prepara-se, primeiro, uma especie de feltro, com uma mistura de canhamo d'Italia reduzido a fios extremamente pequenos e lã grosseira lavada na proporção de 2:1. Carda-se a mistura e envolve-se tudo n'um panno que em seguida é feltrado com o auxilio de vapores d'acidos quentes. O feltro assim obtido é cuidadosamente lavado e secco e impregnado n'uma substancia que lhe assegura as condições que ha pouco mencionámos. Esta substancia prepara-se do seguinte modo:

Junte-se 50 partes de oleo de linho fervido, 20 de colophana, 25 de terebenthina, 10 de glycerina e 10 de cera vegetal; aqueça-se tudo em banho maria com o auxilio de algumas gottas de ammoniaco.

Apenas a massa se torne homogenea, junte-se-lhe 25 partes de colla forte dissolvida n'agua e uma solução obtida pela juncção de 50 partes de caseina recentemente preparada, 16 de borax, e 10 de bichromato de potassio. A esta mistura, podem-se juntar diversas materias córantes mineraes, consoante a côr que se pretende dar ao couro.

Ferve-se tudo até consistencia pastosa, immergindo ahi, o feltro anteriormente preparado, retira-se, em seguida, durante 24 horas, mergulhando-o depois n'uma solução de acetato de aluminio, submettendo-o a uma pressão entre dois rolos girando em sentido contrario.

VI

MODO DE CONSERVAR A MADEIRA

A madeira está sujeita, como qualquer corpo organico, a uma alteração na sua constituição, alteração que faz com que esta no fim de algum tempo chegue a apodrecer totalmente.

Um meio para combater esta alteração seria naturalmente objecto de grande satisfação para muitos.

É exactamente d'esse ponto de que hoje nos vamos occupar.

Consiste em cobrir a madeira de uma camada consistente como pedra e de grande impermeabilidade.

Aqueça-se, n'uma caldeira de ferro uma mistura de 50 partes de rezina, 40 de cré muito pulverizada, 300 de areia branca muito fina e 4 de oleo de linho, e logo que se tenha feito a mistura d'estes corpos, addiccione-se-lhe uma parte de oxydo vermelho de cobre, e uma parte de acido sulphurico, ou quantidade equivalente de sulphato de cobre. Se empregarmos o acido sulphurico, dever-se-ha tomar toda a cautella na occasião de se lançar o acido para dentro da mistura, pelo facto da grande elevação de temperatura que o acido origina. Feita a mistura, basta pincelar com esta composição ainda bem quente a madeira que se pretende preservar, a qual seccando, forma sobre esta, um verniz duro e impermeavel que se oppõe á sua alteração.

20—6—900. *Antonio A. O. Machado.*

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

III

MARY-ANN

Os estudos da minha mocidade desenvolveram em mim uma paixão: o desejo de saber. Em compensação, minha sensibilidade foi sempre pouca: poesia e Hermann Schultz raras vezes entraram pela mesma porta. Observava dôres e prazeres nos outros como motivos simples para estudo. Tanto invejava um par feliz em amores como palmeiras casadas pelo vento. Tanto dó me inspirava um coração dilacerado pelo amor como um geranio queimado pela geada. Quem dissecou animaes vivos que lhe importam os gritos da cama palpitante?

O amor de Photini por John Harris não podia apiedar um naturalista.

Photini passou comnosco mais quatro dias, os quatro domingos de abril. Olhou para elle desde manhã até á noite com olhos ternos em que se lia a desesperança; mas nunca se atreveu a abrir a bocca deante d'elle. Harris assobiava tranquillamente, Demetrio rosnava como um cachorro de fila e eu observava sorrindo aquella estranha doença de que o meu feitio me livrára até então.

Foi por esse tempo que meu pae me escreveu dizendo-me que os negocios corriam mal, que os viajantes eram raros, a vida cara, e que, se eu já tivesse achado a tal princeza russa, me casasse quanto antes. Respondi-lhe que ainda não tinha achado ninguem para seduzir, a não ser a filha d'um pobre coronel grego, que estava muito seriamente apaixonada, mas por outro; que talvez, com certo tacto, pudesse vir a ser confidente d'ella, mas marido, isso nunca. Minha saude era boa e o meu herbario magnifico.

As minhas pesquizas, que não haviam passado além dos arredores de Athenas, podiam ir até mais longe agora. Renascêra a segurança; os bandoleiros haviam sido batidos, todos os jornaes annunciavam a dispersão da quadrilha de Hadgi-Stavros. D'ali a um mez, o mais tardar, poderia pôr-me a caminho para a Allemanha e solicitar um logar que desse de comer á minha familia.

Lêramos no domingo, 24 de abril, no *Seculo* de Athenas, o grande desbarate do Rei das Serras. Diziam relatorios officiaes que elle tivera vinte homens fóra de combate, o campo incendiado, as tropas dispersas e que a gente da policia o havia perseguido para além dos pantanos de Marathon.

Taes novas muito agradaveis para os estrangeiros pareciam causar menor prazer aos gregos. Christodulo, para um tenente de phalange, mostrava pouco enthusiasmo e a filha do coronel João quasi chorava ao ouvir a derrota do salteador. Harris, que trouxéra o jornal, não dissimulava o seu contentamento.

Eu andava encantado. Logo no dia 30, pela manhã, puz-me a caminho com a minha caixa e o meu cajado.

Demetrio acordou-me ás quatro horas. Ia pôr-se ás ordens d'uma familia ingleza, hospedada havia dias no Hotel dos Estrangeiros.

Na minha frente, no horizonte, o cume do Par-

nes erguia-se como muralha cheia de brechas. Era o termo da minha viagem.

Entrei no olival. Os tordos matinaes e os melros, seus primos, saltitavam entre as folhas prateadas e chilreavam alegremente. Ao sahir do olival atravessei por campos de cevada, onde os cavallos se desforravam da palha secca e das comidas afogueantes do inverno. Bandos de rolas fugiam, quando eu me approximava, e as calhandras de poupa voavam verticalmente para o céo como foguetes. De tempos a tempos, um cágado indolente atravessava o caminho, carregando com a casa. Deitava-o cuidadosamente de costas e continuava o meu caminho, deixando-lhe a honra de se desenvensilhar sósinho. Duas horas de caminho e entrei no deserto. Desappareceram os vestigios de cultura. Erguia-se o sol e eu avistava distinctamente os pinheiros que erriçam o flanco do Parnes. Fui seguindo um atalho, que não era talvez guia seguro, mas dirigia-me para um grupo de casas semeadas pelo monte e que deviam ser a aldeia de Cartia.

Cem passos mais longe, o caminho perdia-se n'uma ravina larga e profunda, cavada pelas chuvas de dois ou tres mil invernos. Suppuz com certa razão que a ravina devia de ser o caminho. Os gregos deixam ás aguas o cuidado de arranjar estradas; as torrentes são estradas reaes, os rios estradas districtaes; os riachos estradas municipaes.

Metti-me portanto pela ravina e continuei meu passeio por entre margens escarpadas que me escondiam a planicie, a serra e o meu ponto a attingir. O caminho caprichoso dava tantas voltas, que eu já não sabia em que direcção ia andando. A prudencia mandava-me que trepasse por um dos taludes, até á planicie, para me orientar; mas os taludes eram a pique, eu estava cançado, tinha fome e achava-me perfeitamente á sombra. Sentei-me n'uma pedra, tirei da minha caixa um pedaço de pão, uma perna de cordeiro e uma borracha com o tal vinhinho de que já falei. Dizia com os meus botões: «Se isto é caminho, alguem ha de passar que me diga se vou bem.»

Já tinha fechado a minha navalha e estendera-me á sombra n'aquella doce quietação que segue os jantares dos homens e das serpentes, quando me pareceu ouvir uns passos de cavallo. Puz um ouvido no chão e percebi que uns cavalleiros se approximavam. Afivelei a minha caixa nas costas e aprromptei-me para seguil-os, caso elles se dirigissem para o Parnes. Cinco minutos depois, vi apparecer duas senhoras montadas em cavallos de aluguer e vestidas como inglezas em viagem. Atraz d'ellas seguia um homem a pé, que logo reconheci: era Demetrio.

Quem correu um pouco o mundo sabe que todo o viajante se põe em marcha, pouco lhe importando o vestuario; mas, logo que dá com senhoras, fossem ellas mais velhas que a pomba da arca, logo deita um olhar inquieto para o seu involucro cheio de pó. Ainda antes de distinguir os rostos das duas amazonas por detraz dos véos azues, já fizera inspecção a toda a minha pessoa que me deixára assaz satisfeita. Trazia este mesmo fato, ainda hoje apresentavel, embora o use ha quasi dois annos. O que não tinha era este bonnet; por bonito e muito bom que seja, um bonnet para o sol não presta: tinha um chapéo de feltro cinzento, d'abas largas, em que se não dava pela poeira.

Tirei-o respeitosamente ás duas senhoras, que não deram pelo meu cumprimento. Estendi a mão ao Demetrio, que me disse tudo o que eu queria saber.

— Vou bem por aqui?

— Tambem nós lá vamos.

— Podemos então andar o caminho juntos?

— É claro.

— Quem são estas senhoras?

— São as minhas inglezas. O lord ficou no hotel.

— Que gente é?

— Banqueiros de Londres. A velha é mistress Simons da casa Barley e C.ª; o lord e irmão d'ella, e a pequena é filha.

— E é bonita?

— Conforme os gostos. Gosto mais da Photini. Tomaram-me por uma semana. Dez francos por dia e comida. Sou eu que organiso os passeios. Comecei por este, na esperança que o havia de encontrar, sr. Schultz. Mas parece que vão com a mosca...

A velha, aborrecida por ver que eu lhe demorava o criado, puzera o cavallo a trote n'um sitio em que, de memoria de cavallo, ainda ninguem havia trotado. O outro animal, estimulado, tambem já queria tomar o mesmo andamento, e, se nos demoramos mais dois minutos, já ninguem as apanhava.

Demetrio deitou a correr e ouvi M.ess Simons dizer-lhe em inglez:

— Não se afaste. Sou ingleza e quero ser bem servida. Não lhe pago para conversar com os seus amigos. Quem era esse grego com quem conversava?

— É um allemão, minha senhora.

— Ah!... E que faz?

— Anda á procura d'ervas.

— É ervanario?

— Não, minha senhora, é um sabio.

— Ah!... E sabe inglez?

— Sim, minha senhora, muito bem.

— Ah!..

Os taes «ahs!» da velha foram ditos em trez tons muito differentes que eu gostaria de exprimir por musica. Indicavam sensivelmente os progressos que eu havia feito na estima d'ella.

Entretanto não me dirigiu nem palavra e eu segui a pequenina caravana a poucos passos de distancia.

Demetrio já se não atrevia a conversar comigo, marchava adiante como um prisioneiro de guerra. O mais que fez foi deitar-me uns dois ou tres olhares que queriam dizer: «Muito serigaitas são as inglezas!» M.ess Simons não voltava a cabeça e eu não podia portanto decidir que differença a fealdade d'ella faria da de Photini.

O que, sem indiscripção, pude ver foi a maravilhosa elegancia da ingleza mais nova. Hombros largos, cintura redonda como um junco e flexivel como um vime. O pouco que lhe via do pescoço far-me-hia lembrar os cisnes do jardim zoologico, ainda que eu não fosse naturalista.

Virou a mãe a cabeça para falar lhe e apressei o passo, esperando ouvir-lhe a voz:

— Mary-Ann!

— Mamã?

— Tenho fome.

— Tem?

— Tenho.

— Eu, mamã, tenho calor.

— Tem?

— Tenho.

Foi um encanto. A voz de Mary-Ann seguira não sei que caminho para chegar não sei onde. Senti uma suffocação agradabilissima. Nunca ouvira coisa mais cheia de mocidade, de frescura, de sons argentinos. Uma chuva d'oiro nos telhados da casa de meu pae ter-me-hia parecido menos suave.

Demetrio contava dar de almoçar ás duas viajantes no kan de Calyvia. É uma estalagem, uma barraca desconjuntada, onde, entretanto se costuma sempre encontrar um odre de vinho com pez, uma garrafa de anisete, um bocado de pão de rala, ovos, e um regimento de veneraveis gallinhas chocas que a morte, em virtude da metempsycose, transforma em frangos.

Felizmente encontrámos a porta fechada e ninguem lá dentro. Ao saber da nova M.ess Simons ralhou muito azeda com Demetrio e, como, n'esse instante, se virasse para traz mostrou-me o seu rosto anguloso como lamina d'uma faca e duas filas de dentes como pallisadas.

— Sou ingleza e quero sempre comer quando tenha fome.

— Minha senhora, replicou Demetrio muito cabisbaixo, d'aqui a meia hora almoça em Castia.

Eu, que tinha almoçado, fazia considerações sobre a fealdade de M.ess Simons e recordava o aphorismo: *«Qualis mater, talis filia.*

Desde o khan até á aldeia o caminho é detestavel. É um atalho estreito entre um rochedo a pique e um precipicio capaz de dar vertigens a um gamo.

M.ess Simons antes de se metter na vereda diabolica, onde os cavallos só tinham espaço exacto para as quatro ferraduras, perguntou se não haveria outro caminho.

— Sou ingleza, disse, não nasci para rebolar pelos precipicios.

Demetrio consolou-a dizendo-lhe que na Grecia havia caminhos cem mil vezes peores.

— Ao menos segure-me nas redeas do cavallo. Mas a minha filha? O que vae ser da minha filha? Leve antes o cavallo d'ella. Não poderia levar os dois cavallos ao mesmo tempo? É que não tenho vontade nenhuma de me esmigalhar por ahi abaixo. Que detestavel atalho! Para gregos talvez preste, mas para inglezas... Não é verdade, senhor?...

E voltou-se para mim muito amavel.

Com formalidades ou sem ellas, estava feita a apresentação. Cheguei sob os auspicios d'um personagem muito cantado pelos romances da edade media e que os poetas do seculo XIV chamavam o Perigo. Inclinei-me com toda a elegancia com que a natureza me dotou, e respondi em inglez:

— O caminho não é tão mau como lhe parece, minha senhora. Os cavallos, que já montei muita vez, são seguros. Demais aqui tem mais um guia ás suas ordens.

E sem esperar resposta, deitei mão ás redeas do cavallo de Mary-Ann.

Quando olhei para ella, o vento ergueu-lhe um pouco o véo azul e vi o mais adoravel rosto que tenha até hoje endoidecido um naturalista allemão.

Senti uma commoção extranha, mas não dolorosa, como se alguma coisa se houvesse partido dentro da caixa ossea do meu peito, por debaixo do osso que chamamos o sterno.

Ai, que olhos, meu senhor! Nem azues, nem negros, mas d'uma côr especial, só d'ella, composta só para elles n'um cantinho da palheta. Hei de um dia mostrar-lhe uma certa malva, que talvez lhe dê uma idéa... Já entrou n'uma forja á meia noite? Já viu uma placa d'aço aquecida ao rubro? Ora ahi tem a côr dos olhos d'ella. . Mas o encanto d'elles é que lhe não posso dizer por nenhuma comparação. Os olhos de Mary-Ann tinham o que quer que fosse ingenuo e engraçado, uma vivacidade candida, um referver de mocidade e de saude e por vezes uma languidez commovente. Sciencia de mulher, innocencia de criança, liam-se n'elles como em livro aberto; mas quem por muito tempo lesse n'elle ficava cego. Era um olhar que queimava, tão certo como eu chamar-me Hermann. Era capaz de lhe amadurecer todos os pecegos do seu pomar.

E o Demetrio achava-a menos bonita que a Photini! O amor é doença que torna os doentes idiotas. Mas eu, que nunca perdi o juizo e que tudo peso com a sabia indifferença d'um naturalista, affirmo-lhe que não ha no mundo mulher que se compare a Mary-Ann. Desejaria mostrar-lhe o retrato d'ella, tal como o fixei para sempre na lembrança. Veria como eram longos os cilios, que graciosa arca a dos sobr'olhos, como era pequenina a bocca, como ria ao sol o esmalte dos seus dentes, como a orelhinha côr de rosa era pequenina e transparente! Como tenho o costume de observar e de analysar, estudei aquella belleza nos mais insignificantes pormenores. A epiderme era mais delicada que a pellicula avelludada dos mais lindos fructos. A côr das suas faces parecia feita do pó impalpavel que tinge as azas das borboletas. Se eu não fosse bacharel em sciencias naturaes, teria medo que o roçar do véo lhe apagasse o brilho fragil de tanta belleza.

Não sei se gosta de mulheres pallidas e não desejaria contrarial-o; mas como sabio, só admiro a saude, que é alegria da vida. Foi por isso que, quando, pela primeira vez vi Mary-Ann, tive um desejo enorme de lhe apertar a mão, dizendo-lhe: «Muito obrigado, minha senhora pela boa saude que tem.»

Esquecia-me dizer-lhe que o perfil não era o d'uma estatua. Na bochechinha esquerda tinha uma covinha de que não havia sequer indicio do outro lado: o que é contra todas as regras da symetria. O nariz não era nem direito nem aquilino, era arrebitado á franceza.

Levei Mary-Ann até á aldeia de Castia. O que ella me disse pelo caminho e o que eu lhe respondi não me deixou maiores vestigios na lembrança do que deixa no ar a passagem d'uma andorinha. Era tão suave a sua voz que o que me dizia pouco importava. E entretanto todas as circumstancias d'essa primeira entrevista ficaram-me para sempre gravadas no espirito. E' fechar os olhos e rever tudo.

Para a parte de baixo do caminho e por cima de nós, as arvores resinosas da serra semeavam pelo ar os seus aromas. Os pinheiros, as thuyas e os terebinthos pareciam queimar incenso á passagem de Mary-Ann. Com alegria visivel ia ella respirando os dons olorosos da natureza. O narizinho impaciente fremia e batia as azas; os olhos, os lindos olhos, corriam de um objecto a outro.

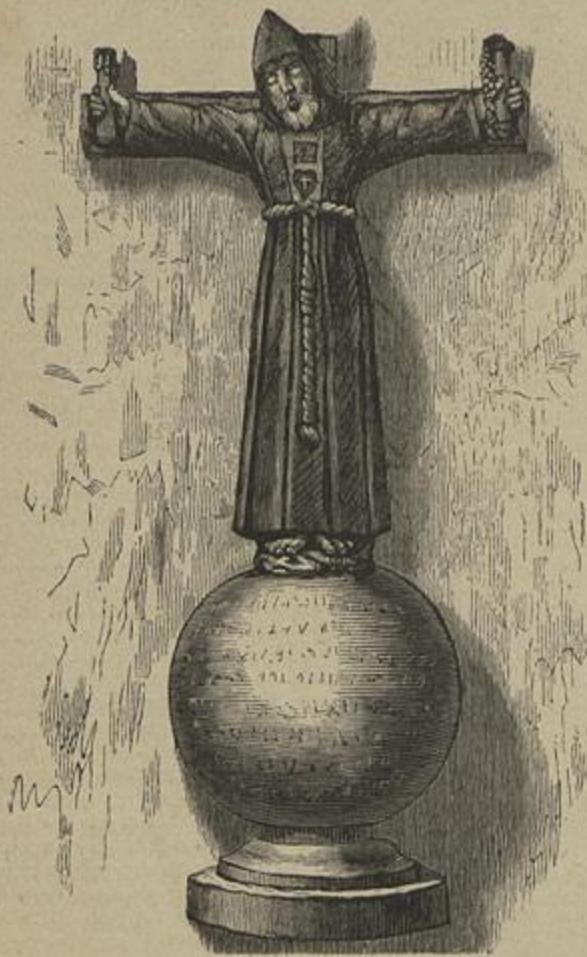
Ia montada no *Psari*, um cavallo branco da cavallariça de Zimmermann. A amazona d'ella era preta, a de M.ess Simons verde garrafa. Uma e outra calçavam luvas de pelle de gamo. Eu nunca pude usar luvas. E o sr?

Chegámos a Castia. A aldeia estava tão deserta como khan de Calyvia.

O Demetrio não percebia nada d'aquillo.

Apeámo-nos ao pé da fonte, em frente da egreja. Batemos a todas as portas. Nem viv'alma! A propria auctoridade fôra-se com o resto da população. As casas são todas o mesmo, quatro paredes, um telhado e duas aberturas: porta e janella. O pobre Demetrio arrombou duas ou tres portas, mas só aproveitou a um gato esquecido pelos donos e que se poz, como uma setta, a caminho dos pinhaes.

M.ess Simons perdeu de todo a paciencia.

— Sou ingleza, disse a Demetrio, não sou para troças. Hei de queixar-me á legação. Pago-lhe pa-

AS FESTAS NA ARRABIDA E SETUBAL

O Frei Martinho da Arrabida

ra um passeio pela serra e faz-me viajar por sobre precipicios! mando-lhe que traga provisões e deixa-me morrer de fome! Deviamos almoçar no khan e o khan estava abandonado! Venho em jejum até esta horrivel aldeia e tudo se foi! Viajei muito pela Suissa, que é tambem um paiz montanhoso e nunca lá tive faltas. Almocei sempre ás minhas horas e comi trutas. Entende?

Debalde Mary-Ann procurou socegar a mãe.

Demetrio explicou lhe que, sendo os habitantes da aldeia quasi todos carvoeiros, era possivel que andassem pela serra. Mas não tinham perdido o tempo: pouco passaria das oito horas e era certo encontrarem d'ali a dez minutos uma casa habitada e um almoço prompto.

— Que casa?

— Uma dependencia do convento. Os frades do Pentelico possuem vastos terrenos na parte superior de Castia. Criam abelhas. O bom velho que ali mora tem sempre vinho, pão, mel e galinhas. Elle nos dará de almoçar.

— Provavelmente sahiu, como toda a gente.

— Se sahiu, deve estar perto. O tempo dos enxames não vem longe e elle não póde afastar-se dos cortiços.

— Pois vá ver. Eu estou farta de andar desde esta manhã. Sem ter comido, já não monto a cavallo.

— Não tem necessidade de montar a cavallo, continuou Demetrio, paciente como um guia. Deixamos os cavallos aqui na fonte e mais depressa chegaremos, indo a pé.

Mary-Ann decidiu a mãe. Estava morta por ver o bom velho e os enxames. Mettemos por uma vereda escarpada muito agradavel por certo ás cabras de Castia. Todos os lagartos verdes, que se aqueciam ao sol retiravam-se discretamente, não sem arrancar grandes gritos d'aguia a M.ess Simons que não tolerava bichos que andem de rastros. Depois de um quarto d'hora de vocalisações teve o gosto de avistar uma casa aberta e um rosto humano.

(Continúa.)

CAMPESTRE

Tarde de agosto.

A' direita, pelos campos de semeadura, o trigo já curado, ondula suavemente á feição do vento, parecendo um mar encapellado cujas vagas se fossem quebrar ao longe, na areia branca da praia.

A' esquerda, um rebanho de ovelhas, pasta mansamente, no restolho deixado pelos ceifeiros, fazendo telintar as campainhas pendentes do pescoço e que põem tons agudos na tranquilidade dos campos.

Lá em cima, ao fim do carreiro que corta as terras pardacentas, está a eira, onde o trigo ceifado pouco antes, fórma grandes médas, no topo das quaes, um espantalho feito com fato velho, enfiado n'uma cruz de canna e tendo no tôpo o amachucado chapeu alto, afugenta a pardalada que anda em volta, roubando atrevidamente as espigas ou algum grão que encontra pelo solo.

Homens e mulheres, munidos de grandes pás de madeira, arejam o trigo debulhado, atirando-o ao ar afim do vento separar a palha do grão, que cai em baixo, formando grandes montes, para depois de ensacado, ser conduzido ao moinho.

Fóra da eira, os bois deitados sobre a terra, remoem continuamente a ração de fava, deixando escorrer a baba, branca como espuma de sabão, pelos cantos da bocca enegrecida.

Muitas das palhitas que o vento faz remoinhar, vão pouzar vagarosamente no pello fulvo dos bois, matisando-lhe assim o gordo corpo, emquanto as moscas impertinentes, zumbindo em volta d'elles, os perseguem atrozmente, obrigando-os a enxotal-as com a cabeça ou com o rabo irrequieto.

Uma ou outra vez, o *Castanho*, muge sentidamente como se fosse um lamento de atrofiado coração, por saudade intima, que elle não sabe dizer, mas sabe sentir.

E o dono, conhecendo talvez a causa d'esse lamento, fala-lhe cá da eira, emquanto cospe nas mãos, para melhor segurar a pá com que está trabalhando:

— Que é isso, *Castanho*?.. falta-te a companheira, hein?!...

E o boi no seu mugir triste, parece dizer-lhe um *sim*...*im* muito prolongado...

Não, que a *Estrella*, a sua companheira de arribana, havia poucos dias que tinha sido vendida na ultima feira, deixando-o para ali ao desamparo, só, completamente abandonado!...

Elle bem tinha percebido, quando a começaram a enfeitar com a colleira de guisos, e a testeira guarnecida de pellos de raposa, logo viu que havia novidade, que algum desgosto lhe estava para acontecer...

E depois, quando o dono voltou, com o boi preto, o *Carocho*, que ali estava ao lado tambem espojado a descançar, ficou com uma raiva, áquelle negro do diabo!.. que se o pudesse apanhar a geito, furava-o de lado a lado!...

E' pois, a saudade eterna da sua companheira, que o faz soltar aquelle mugir que se perde por ali fóra, pelos campos de semeadura, onde o trigo ondula suavemente á feição do vento, parecendo um mar encapellado cujas vagas se fossem quebrar, ao longe na areia branca da praia.

Ricardo de Souza.

Recebemos e agradecemos:

Nós, *poema lyrico de Affonso Gayo.— Guimarães, Libanio & C.ª, editores.— Lisboa, 1900.*

O nome de Affonso Gayo é já sobejamente conhecido entre nós e muito apreciado nas lettras portuguezas. O seu valor como poeta original e primoroso, mais d'uma vez se tem affirmado com provas indiscutiveis.

Não surprehende, portanto, que o poema *Nós* constitua um bello volume de versos, onde, a par da riqueza da rima e da espontaneidade das idéas, da propriedade das imagens, se encontra uma homogeneidade de pensamento, uma unidade tão perfeita, que é um dos melhores predicados do presente poema.

O poeta eleva-se muitas vezes á altura vertiginosa dos pincaros do ideal, quando descreve a dôr, a duvida, a descrença que lhe alanceiam o coração, ou a alegria ineffavel que lhe innunda a alma á vista d'um sorriso da sua amada, d'essa doce e bella creatura que constitue com elle a dualidade amorosa que lhe suggeriu o titulo do poema.

E' difficil destacar d'entre as muitas bellezas que o volume encerra, uma a que possa dar-se a preferencia; comtudo parecem-nos d'uma grande formosura e fórma impeccavel as quatorze quadras que o auctor intitulou *Desillusão*, e que começam:

O meu sonho já lá vae — sonho adorado —
Que nunca mais será o que antes era...
Basta a saudade para o ter mudado
Que põe no coração a folha de hera!

Nunca eu fosse dizer que me finava
Nem que perdia as noites em desvelos...
Verias como tudo se quebrava
Como se quebra um feixe de cabellos!

....

Sei que ha de haver alguem que minorasse
A minha dôr por culpa d'este anceio,
Mas, se visse os teus olhos n'outra face
Via o meu coração partido ao meio!

Lembral-os hia sempre em hora amarga,
Em que a imaginação trabalha a esmo,
Que não ha sonho que não volte á carga
Falando-me de ti contra mim mesmo.

....

Ao auctor do *Nós* felicitamos calorosamente pelo seu encantador poema, sinceras felicitações por ter contribuido por fórma tão valiosa para enriquecer a poesia portugueza moderna.

A edição é feita em um volumesinho muito elegante, impresso em bom papel de linho e de nitida impressão.

Encyclopedia portugueza illustrada — *Diccionario universal — Lemos & C.ª, Successor — Largo de S. Domingos, 63, — Porto.*

Sob a direcção do sr. dr. Maximiliano de Lemos, illustre cathedratico da escola medico cirurgica do Porto e com a collaboração effectiva de grande numero de homens de sciencia, publicistas de reconhecida competencia, tem-se publicado no Porto um interessantissimo diccionario universal com o titulo acima, que vem preencher uma lacuna existente no nosso mercado de livros, e a que alguns editores se teem abalançado, porém sem maior exito, mercê da orientação seguida.

A *Encyclopedia portugueza illustrada*, que já alcança ao seu fasciculo 63 contendo até ao artigo *blyxa*, é um trabalho digno de muito apreço por todos os motivos. Excellentemente redigida, profusamente illustrada, rica e copiosa de assumptos tratados com o esmero devido por pennas das mais auctorisadas em cada ramo ou especialidade, a *Encyclopedia portugueza* é indispensavel a todos. É obra que por si só se recommenda, accrescendo a nitidez e a mocidade da edição.